ANO I· RIO DE JANEIRO, 1 de Novembro de 1904 N. 2

O LIBERTARIO

Publica-se por
subscrição voluntaria permanente

Correspondencia: CARLOS DIAS,
Rua Conselheiro Moraes e Valle n. 5

AVISOS

Deliberamos suspender a remessa deste periodico a todos aquelles que até ao 4º numero não houverem comunicado o desejo de continuarem a recebel-o.

Pedimos aos grupos e companheiros do interior e exterior que precisarem de maior numero de exemplares que enviem pedidos a esta redação que serão attendidos.

Ao iniciar a publicação do *Libertario* os camaradas que constituem o grupo editor, afim de poder dar-lhe vida, concordaram entre si, concorrer para as despezas de publicação dos primeiros numeros, contando porém, para os seguintes com o auxilio de todos os camaradas. Não necessitamos portanto fazer apellos. Os que entenderem ajudar nos que o façam.

O que não ha duvida, porem, é que o bom exito dos nosso esforços dependerá tambem do interesse que demonstrarem tomar os nossos camaradas.

E' de necessidade tambem, para que o *Libertario* corresponda, o mais dignamente possivel, aos fins a que se propõe isto é — propagar o ideal anarquista e trabalhar para a formação da consciencia revolucionaria do povo, que os camaradas que nos queiram ajudar enviem correspondencias e notifiquem todo e qualquer fato cuja inserção lhes pareça conveniente ao periodico.

Revistas e periodicos anarquistas

EM PORTUGUEZ

Kultur, revista mensal, rua do Torres—Rio de Janeiro. Serie de 12 numeros : 5$000 ; avulso: 300 réis.

O Despertar, quinzenario, rua Sete de Setembro 37, Curitiba (Paraná).

Amor e Liberdade, revista quinzenal, rua Andrade 2, 4.º D—, Lisbôa.

A Obra, semanario, travessa da Agua Flor, 52, 1.º—Lisbôa.

Despertar, semanario, rua da Bainharia, 137,2.º—Porto. Numero avulso 100 réis.

ESTADO E PROPRIEDADE

Além da sua propria conservação e engrandecimento, o Governo (ministerio, burocracia, parlamento, magistratura, policia, exercito,etc.) defende a "propriedade privada"; e não a propriedade baseada sobre o trabalho, como alguns procuram fazer crêr por meio de sofismas, mas a propriedade baseada sobre o roubo,—a exploração capitalista. O privilegio económico é garantido em todos os codigos e com todas as armas, desde a astucia e a mentira á carabina e ao canhão. Assim, o pobre diabo que furta um pão é esmagado sob o pesado maquinismo autoritario, ao passo que a empresa que reparte em grossos dividendos uma parte do que é produzido por operarios miseramente pagos, o especulador da Bolsa que num minuto e com uma falsa manobra arruina milhares de familias e mete no bolso milhares de contos, o illustre autor de importantes desfalques e fraudes, o grande ladrão que não cai na asneira de roubar unicamente um pão, têm a mais franca protecção da lei ou passam sob o olhar benévolo da "justiça", bôa matrona que só sabe fornicar com os grandes. Se o patrão, destruindo o tal "livre contrato do trabalho", póde obrigar o operario a vender-lhe o braço por um salario mesquinho, sob pena de fome, a lei não intervem para defender "a propriedade" do operario, assaltada pelo capitalista, intervem pelo contrário para proteger o ladrão, quando os operarios, unindo-se, procuram obter, pela solidariedade e com energia, uma parte maior do que produzem, pretendem ser menos roubados.

E' o roubo organizado e legalizado, chamado "propriedade particular", que o governo garante. Póde alguem, muito raramente, juntar um pecúlio, uma quantia relativamente importante por meio do trabalho. Mas se deixa de trabalhar, dentro de algum tempo esse peculio acaba, consome-se. A terra não produz de por si só ; os instrumentos não se movem sózinhos; o dinheiro não se multiplica por força propria. Quando o dono do peculio o pôi a juros, começa a viver dos "seus rendimentos", torna-se um parazita, vivendo do trabalho alheio : principia então o roubo. E quanto mais rico é mais depressa aumenta a riqueza ; quanto mais pobres faz trabalhar e quanto mais mal os paga mais entesoira.

Para vêr que o capital monopolisado, a"propriedade particular" actual não é fruto do trabalho proprio, bastaria considerar que ha proprietarios de terras incultas (que eles não cedem para o cultivo, mesmo porque isso os prejudicaria, fazendo baixar os preços). Foram eles que as produziram ?

O "direito de propriedade", apoiado na velhacaria e prepotencia duns e na ignorancia dos outros, é o poder que tem o proprietario de dispor a seu bel-prazer dos produtos e dos meios de produção ; de cultivar ou deixar inculta a terra ; de por em movimento ou parar as maquinas ; de fazer produzir ou não, quaesquer que sejam as condições dos individuos. Populações famintas podem morrer de inanição ao lado de terrenos inuteis para o dono, de celeiros repletos até : o respeito supersticioso da maioria das baionetas dos soldados amparam "sagradapropriedade", a deusa cujos favores os capitalistas monopolizam.

E em vez de se produzir em proveito exclusivo de alguns, em vista dum preço ou dum lucro, não se poderia produzir em vista das necessidades de todos, de cada um? E' sabido que não faltam terras incultas, sementes, novos e melhores métodos de culturas. Máquinas ha, muitas inactivas, cada dia param outras, ha depositos delas, e não falta o material para fabricar esses instrumentos que facilitam e abreviam o trabalho. Quanto a braços, sabemos que os ha abundantes em busca de trabalho, e as estatisticas confirmam que em toda a parte se acham centenas de milhares de desocupados, que bem desejariam produzir. Innumeros são igualmente os individuos ocupados em serviços inuteis ou nocivos. Ha tambem abundante material textil para o vestuario, pedra, cal, barro e madeira para o abrigo, porque não se empregam todas essas forças inactivas, todo esse material desaproveitado?

E' que o regimem da propriedade privada e do salario, impedindo o consumo, restringe por isso a produção. O trabalhador que, por capital, tem apenas os braços, vê-se obrigado a aluga-los, para poder viver; por um "salario" que, representando só uma parte do que produz, não pode "comprar" o que lhe seria necessario para uma vida normal e equilibrada. Por momentos ha uma febre de produção, motivada pela concorrencia; mas como os consumidores, embora possam "consumir" mais, não podem comprar, os produtos ficam armazenados. Se os preços baixassem, baixariam os salarios, ficaria tudo na mesma; mas os proprietarios, sobretudo se temem o descontentamento e a resistencia operária, preferem fazer cessar ou moderar a produção. Cresce então o numero dos desocupados, os salarios diminuem, diminue portanto a possibilidade de consumir, isto é, augmenta a miseria no momento de maior abundancia !

De mais os capitalistas pretendendo a elevação dos preços, (sem subirem os salarios, é claro), ganha com a carestia. Eis porque alguns varrem do mercado certo genero de mercadorias, guardando-o e fixando lhe o preço que desejam; para isso organizam muitas vezes "trusts", companhias de monopolio. Se isso lhes convier, inutilizam parte da produção, queimam produtos, deixam-nos apodrecer nos armazens ou nos campos—como acaba de darse com as uvas em França. Um montão de absurdos !

A miseria assim produzida tem como consequencias a ignorancia, a superstição, a falta de higiene. O excessivo trabalho e insuficiente reparação de forças trazem o enfraquecimento organico, a predisposição para a doença. E isto não é só um mal para quem o sofre directamente, mas para todos. Num meio ignorante são impossiveis os sabios e os artistas, e se logram existir, são incompreendidos, odiados, embaraçados : a miseria de outros prende-os ao solo com solidos grilhões. O homem de saude expõi-se a todas as doenças e epidemias onde a higiene é desconhecida. Quando não se aceita a solidariedade no bem-estar, é-se obrigado a aceita-la no sofrimento.

O mesmo com o crime. Ignoram-se, ou não se podem praticar os mais elementares preceitos de higiene sexual. Os filhos são concebidos, trazidos no ventre, amamentados, educados, nas mais horriveis condições de insalubridade, violencia e embrutecimento. Depois, desde que estão assim preparados, o meio social, as necessidades os levarão ao crime. E a autoridade, os juizes, representantes da sociedade (*sic*), distribuirão punições, não se importando com as causas ! não tratando de as remover ! E essas penas, longe de emendarem, corrompem. Uma sentença condenatoria é o Diploma do criminoso : póde continuar ! Tem uma profissão ; a *sociedade* não lhe permite outra. Charlatanismo parecido com o do medico, fiel conservador do estado social,

que organiza festas de caridade — a tuberculose. Ao cabo de poucos mezes, o *feliz* tuberculoso curado volta ao meio que produz tantos, ás condições anteriores: recai, é claro. Mas a medicina, a beneficencia, a gloria... e os empregos estão salvos!

E é assim, para defeza da "sagrada propriedade", que se justifica o Estado! Matai o Estado, deixando de pé o monopolio economico: os proprietarios, senhores um momento da riqueza toda, reconstituirão o poder politico, a violencia organizada, para se manterem na sua posse. Do mesmo modo, matai a propriedade particular, mas conservai um governo, e esse criará uma classe interessada na sua conservação, privilegiada, e como o poder economico é segura base, uma classe odetentora da riqueza, embora com o pretexto de a *administrar*. E' pelas cousas necessarias que os homens são governados.

Previlegio economico e privilegio politico são inseparaveis. Por isso somos *Socialistas*, isto é, queremos abolida a apropriação privada da terra e instrumentos de trabalho, queremos esses meios de produção ao dispor de todos e de cada um: e só assim a propriedade, sendo social, será verdadeiramente individual; e somos *anarquistas*, isto é, queremos, em vez do Estado, a vida social livremente organizada, entregue á iniciativa individual e á livre associação, ao livre acôrdo dos interessados.

Vimos os males do Governo; podemos resumir deste modo os da propriedade monopolisada:

1º-- Impede a produção em vista das necessidades individuaes;

2º—Produz a mizeria: — a ignorancia, a porcaria, o aviltamento e o crime;

3º—Ampara e justifica o governo, conservador nato, inimigo natural da iniciativa do progresso.

NENO VASCO.

Contra a violencia estabelecida

A reação se mostra cada vez mais implacavel no afan de aniquilar os homens que se revoltam contra a prepotencia do estado atúal de cousas. Em toda parte, desde a republica *modelo* até a despotica e absolutista Russia, se perseguem, com manifesto rancor a todos aquelles que lútam pela emancipação humana.

Apreciando os acontecimentos que se desenvolvem nos paizes onde a propaganda das idéas emancipadas têm alguma importancia, vê-se claramente a preocupação dos governos respectivos de inutilizar a ação dos que se distinguem desinteressadamente na defeza da causa proletaria. E' de notar tambem que a ação revolucionaria, ainda não corresponde, em intensidade á desenfreada violencia que sem trégoas lhe movem os governos e isto é de lamentar.

Como meio de ação contra as arbitariedades governamêntais é geralmente empregado o *meeting*, arma que, se algumas vezes é eficaz não o é outras, concorrendo, muitas vezes para agravar a situação porque, devido aos discursos um pouco *fortes* que nestes atos se soém pronunciar e de barulhos que as vezes originam, provocados quasi sempre pela mesma policia, surjem novas prisões e novos processos, resultando assim que quasi sempre a peior parte é a do proletariado.

Temos que preocupar-nos, pois, seriamente dos meios de luta, para poder aceitar o combate a que diariamente nos provoca a burguezia. E a luta aberta, encarniçada, é fatal, inevitavel, a menos que cedamos nosso direito de sermos homens livres.

Credes que a burguezia cederá mansamente, seus privilegios assim?

Isto é uma verdadeira utopia! A burguezia nos está demonstrando claramente com seus feitos, que está disposta a lutar até mais não poder, e a esmaga-nos se for preciso, para continuar escravisando-nos e explorando-nos em beneficio proprio.

Se a luta entre o capital e o trabalho ainda não assumiu maiores porporções é porque o proletariado não *resiste* a violencia tiranica dos de cima, ao contrario cede submisso, vil e acobardado, diante da imposição avasaladora dos capitalistas.

Em toda parte a burguezia se mostra cada vez mais dura e feroz em seu desejo de subjugar e sugar até a ultima gota o sangue do povo; o menor gesto de rebeldia é imediatamente afogado em sangue. Para defender seus interesses não vacilaria um instante em cometer as mais horriveis arbritariedades.

E ainda ha gente demasiado ingenua que acredita poder conseguir pelos meios legaes que a burguezia abandone seus privilegios! Continuai, continuai enviando deputados ao Parlamento, continuai gritando nos *meetings* e praças publicas, que tendes direito a tudo que a burguezia é muito má e vos trabalhadores muito bons. E emquanto vos limitardes a isto a burguezia continuará gozando tranquilamente, e mofando-se de vós, e até vos dará razão, se isso for conveniente a seus interesses.

Não ha outro caminho para a solução. Para que os opressores cedam seus previlegios é preciso arrancal-os a força.

A' violencia estabelecida pelos opressores, tem o proletariado de opor a imponente e aterrorisadora violencia dos oprimidos, dos que se revoltam dignos e de fronte erguida defendendo os seus direitos de homens livres e emancipados de todo o jugo.

MANUEL MOSCOSO.

A Emancipação da Mulher

Os artigos que, sob o titulo acima, foram publicados, o primeiro no jornal "Força Nova" e os demais no "O Amigo do Povo", artigos que despertaram vivo interesse da parte dos leitores, vão ser reunidos, pela sua autora, em folhetos e, depois de correções indespensaveis, serão dados á publicidade.

Os camaradas que julgarem essa tentativa util á propaganda e quizerem axilial-a podem dirigir seus pedidos para a rua Oliveira n. 6, Cascadura, tomando para base a quantia de 100 réis que será o preço de cada exemplar.

A' OBRA

Não existe nação, cidade ou povoação, onde o operario, o trabalhador, não tivesse ainda compreendido ser elle a primeira vitima do actual estado de cousas, do modo porque está constituido o systema social.

Pode-se pois, ou deve-se admitir, que nesta capital as cousas caminhem de outra maneira?

Não será por ventura uma verdade que aqui, como em todas as partes do mundo, o operario, o productor, está sujeito a miseravel exploração que sobre o seu trabalho exerce o patrão, o proprietario?

Aqui, como em toda a parte predomina essa infamia que, além de estabelecer diferenças de classes gera a maior das injustiças permitindo aos ociosos os meios de prover largamente as suas necessidades e, ainda mais, de ter para o superfluo emquanto que, aos que trabalham afanosamente falta o indispensavel para a subsistencia.

O operario, o trabalhador que aspira a melhoria de suas condições economicas e consequentemente moraes tem necessidade de instruir-se, de compreender, de conhecer quaes os seus direitos; tem que, com conciencia sã traçar a reta do caminho que deve percorrer tomando sempre por bases a justiça e a ciencia!

Ninguem ignora que a falta de instrução no proletariado levou-o ao ponto de, reconhecendo-se vitima de uma grande injustiça não procurar conhecer a causa dos seus males nem tão pouco os meios de os evitar. Caminha submisso arrastando com resignação a pesada cadeia de assalariado e de escravo.

Mãos a obra, pois, companheiros do Rio! que cada um coopere, na medida de suas forças para a publicação do *Libertario* de cujas colunas deve jorrar a luz da verdade iluminando o cerebro da massa dos ainda inconcientes; luz que seja um pharol para que os oprimidos de todo o mundo possam ver o caminho que leva á emancipação do jugo do *Deus capital* e de todos os prejuizos nocivos e absurdos que ainda o mantém na misera condição em que vivem, muitos ainda, apegados ás falazes *esperanças*, e as doces *quimeras* de eterna ventura e goso perene que hão deusufruir além tumulo, esperanças e quimeras estas que muito tem contribuido para que os famintos, os macilentos, os estafados não obstante odiarem o burguez farto e o padre obeso se deixem ficar submissos. E é ainda a crença que impede ao misero descalço, ao maltrapilho de revoltar-se de fronte erguida contra o menosprezo do parasita bem trajado.

Emquanto as cousas continuarem deste modo será impossivel aproximar os homens, e o amor e a concordia entre os seres humanos jámais existirá se não se pozer termo

a atroz injustiça que faz com que os que trabalham de manhã á noite, não consigam nem mesmo assim matar a propria fome e a da familia, ao passo que os que vivem no ocio, na orgia, no gozo de prazeres de toda a sorte não experimentam necessidades.

E' confiando que este estado de cousas ha de melhorar, que milhares e milhares de homens trabalham para bom exito da causa a que se propõe a defender o *Libertario*, bom exito este que se obterá quando a maioria dos trabalhadores for conciente, e sentir como nós sentimos, a necessidade de uma nova era que traga a concordia para os homens e o verdadeiro bem estar de que precisamos

Trabalhemos, pois, companheiros! Mãos a obra!

MATILDE MAGRASSI.

A Economia

A Economia é a base da riqueza costuma-se dizer.

Sim, mas da riqueza de poucos e da miseria de muitos.

Quem nada possue a nada pode chegar· salvo rara eceção.

E sinão vejamos: o comerciante por exemplo vê com bons olhos a prodigalidade dos outros em proveito proprio.

Um constructor, quando um cliente lhe paga o triplo do valor d'um trabalho a fazer-se fica contentissimo com o cliente.

A classe dirigente aconselha a economia, mas não a querem praticar nos seus exorbitantes vencimentos.

Quem deve fazer economia no parecer dos grandes, deve ser o trabalhador, o operario: o baixo povo, que apenas ganha o estrictamente necessario.

Que se entende por economia?

Se entende que não se deve gastar mais do que um ser humano pode precizar a teór da sua constituição phisica e dos seus desejos satisfeitos.

Assim entendo a economia.

O trabalhador que de pouco se contenta, quer dizer, viver humanamente, sem ambição de luxo, de pompa, de opulencia, de orgias douradas, porém, este pouco mesmo, lhe é negado pelos senhores economícos que gastam num dia o que a familia do operario chegaria para seis mezes:

Que irrisão, a economia base da riqueza, mas que digo? é verdade sim.

A economia funda-se no pagar o menos possivel a quem trabalha para enriquecer quem manda, teem toda razão:-a economia desfrutada sobre os mais, torna rico quem a explora.

São estas razões ecelentes.

Quem não gasta ou gasta pouco é visto com certo desprezo na sociedade: se é prodigo, tambem neste caso tem-se o desprezo de uma parte oposta, ou ás vezes adulação.

Moral economica, é cousa desprovida de sentido, ou então se sentido tem é pelo sonho de poucos.

Porque, somos razoaveis: - Se não ha quem gaste não ha quem ganhe.

O gosto do esercente é aquelle de haver bastantes prodigos a favor d'elle, que gastem muito em sua casa, se embebedem e depois paguem.

O usurario ama os filhos de familias ricas que lhe pedem dinheiro para poder obter juros ezagerados.

Em suma todo o mecanismo social tem a idéa da economia individual, mas não desejando a economia obtem, que possa impedir o lucro do individuo.

A economia eu digo, no sentido falso em que se toma hoje, não é outra cousa senão uma fabrica de miseraveis, porque em vez de ser economia comum é economia individual, produzida para prodigalidade comum.

Para o trabalhador é totalmente impossivel a economia, pois, ganha o menos do que lhe é preciso, o que elle produz a maior do seu indispensavel, serve para economia do burguez que o explora.

O burguez diz:

Que diabo! aquelle lá está na miseria? quando trabalhava para mim lhe pagava a quatro mil reis por dia e elle gastava tudo, porque não gastava só a metade?

A culpa é delle.

Mas o burguez, não pensa que em logar dos quatro gastava vinte, os quaes foram ganhos com seu trabalho daquellea quem pagava quatro?

A economia quer, de quem ganha para viver mal.

E que ganhando quatro ou cinco mil reis por dia, isto os felizes, se possa quando se é velho, ter cincoenta ou sesenta contos no banco.

Miseravel ironia!

Trabalhando e utilmente isto é possivel?

Se se entende porem, economia burgueza ao trabalho dos pobres; então tambem çu digo; a economia é a base da riqueza..

A. PALERMO

HERBERT SPENCER (1)

SUA FILOSOFIA

II

O principal serviço de Spencer não está, entretanto, em sua *Estatica social*, mas na elaboração de sua *Filosofia sintetica* que pode ser considerada como a obra filosofica do decimo nono seculo.

Os pensadores do seculo anterior, especialmente os enciclopedistas, já tinham ensaiado construir uma filosofia sintetica do universo.

Um resumo de tudo que ha de essencial em nossos conhecimentos sobre a Natureza e o Homem, sobre os planetas e as estrellas, sobre as forças fisicas e quimicas (ou antes os *movimentos* fisicos e quimicos das moleculas), sobre os fatos da vida vegetal e animal, sobre a psicologia, a vida das sociedades humanas, o desenvolvimento de suas idéas, de sua concepção moral. Um *Quadro da Natureza* como Hobbach ensaiava fazer, desde a pedra que cae até o sonho do poeta, o todo comprehendido como um fato material.

Mais tarde, Augusto Conte intentara a mesma obra: ensaiava construir uma *filosofia positiva*, que devia resumir os fatos essenciaes de nossos conhecimentos sobre a Natureza, sem nenhuma intervenção de deuses, de forças ocultas ou de *palavras* metafisicas, fazendo uma alusão velada ás forças sobrenaturaes.

A filosofia positiva de Conte, apezar do que dizem os alemães e os inglezes, que se imaginam ou pretendem não ter soffrido sua influencia; esta filosofia imprimiu o seu cunho a todo o pensamento do decimo nono seculo; foi ela que provocou o grande despertar das ciencias naturaes dos ultimos sessenta annos do mesmo seculo e do qual nos occupamos em a *Sciencia moderna e a Anarquia;* foi ela, emfim, que inspirou Mill, Huxley, etc. e deu a Spencer a idéa de construir sua filosofia sintetica.

Mas a filosofia de Conte sem falar do seu erro fundamental religioso do qual falamos no opusculo citado — a filosofia de Conte oferecia uma formidavel lacuna. Conte não éra naturalista. Azoologia e a botanica lhe éram estranhas, negava a variabilidade das especies e, tudo isto, o impedia evidentemente de conceber a *evolução*, o *desenvolvimento*, taes como nós os compreendemos presentemente.

PEDRO KROPOTKINE.

(*A seguir*)

(1) Na primeira parte do presente artigo inserta no numero anterior escaparam á revisão alguns erros que o leitor nos relevará.

N. R.

Vantagens da Imprensa

Max Nordau, em artigo que inviou a *Gazeta de Notidias* disse que as catastrofes da Russia no Extremo Oriente são a Nemesis da historia. Eu, servindo-me das vantangens que tem a imprensa de levar os acontecimentos ao conhecimento de todos e sem pretender parafrasear o grande escritor e filosofo pois me falta para isso a necessa,ia competeneia, posso dizer que essas catastrofes são tambem os primeiros prenuncios do advento de uma nova era que Nemesis vai fazer para o operariado do imperio moscovita. Parece com efeito que uma nova fase surgiu para atenuar o infortunio de tantos infelizes e resittuir ao povo russo o que elle pede constantemente: pão, liberdade e justiça.

E' sob a dolorosa impressão das noticias do qne vai pela Russia que escrevo estas linhas sem gramatica e não minto afirmando que a penna, a tremer-me entre os dedos crispados, vacila em estampar as miserias e os horrores que todos os dias se vão reproduzindo nos dominios sem limite tirano Czar.

Não é exagero dizer que a Russia é um paiz de barbaros. Dominada pela tirania mais atroz que se pode imaginar, governada pelo despotismo mais infame que se pode conceber, a Russia é na hodierna vida das nações a maior entrave a liberdade, a maior barreira ás tendencias evolutivas da humanidade, o maior estorvo ao desenvolvimento da sociologia como fator do bem e do progresso universal.

Quem conhece o martirologio de milhares de vitimas, sacrificadas ao ferino capricho de *Plehw*, *Nero* despotico e sanguinario dos modernos tempos não pode escrever de outro modo, não pode pensar na Russia sem sentir o corpo tremer de horror e de raiva sem sentir o cabello irrisar-se, sem experimentar o odio mais profundo, mixto de indignação e revolta. Efectivamente por mais timorata bue seja, por mais indiferente, por mais amorosa que se presuma, com razão não pode pessoa alguma referir-se aquele pais sem ser assaltada por sentimentos e ideas eversivas. E' que as terrorosas noticias que os jornais continuamente trazem desse Tartaro hediondo transformam o homem mais pacato no mais vermelho revolucionario, no mais incarniçado inimigo da organisação corrupta e indigna do povo russo.

Quantos paladinos do bello ideal da liberdade pura e cristalina não tem sido atados summariamente as assassinas regiões da Siberia? Quantos homens virtuosos maridos a mantissimos, pais desvelados e filhos extremosos não tem perecido entre os ferros de pestiferas prisões, privado do gozo do amor companheiros dos afagos do filhinhos graciosos longe das caricias e dos cuidados materno? Finalmente: quantos campeoes da emancipação humana depois de torturas horriveis não tem pago no patibulo, nesse terrivel e tragico instrumento de morte, a altiva e digna ousadia do protesto contra o regimen da uzurpação do confisco, dos esbanjamentos dos dinheiros publicos e do sequestro á liberdade de imprensa? !

Não satisfeito com o fuzilamento de centenas de estudantes e operarios que caem constantemente nas ruas varados pelas balas dos cassacos, o governo russo provoca a guerra com o Japão, não querendo cumprir a palavra hipothecada, e leva aos longiquos confins do Extremo-Oriente milhares de homens para servirem de alvo aos certeiro canhões dos japonezes. E' esse governo tirano feito de miserias e seduioso de sangue humano, que se diz partidario do desarmamento geral!..

Quanta irrisao! Quanta perversidade!..

ULYSSES MARTINS.

PEQUENAS NOTAS

Conforme fora annunciado o companheiro Erasmo Vieira realisou, no dia nove do corrente, no salão principal do "Centro das Classes Operarias" a sua conferencia sobre o tema previamente indicado. Em seguida ocupou a tribuna o Dr. Vicente de Souza que reforçou os argumentos sobre os quaes o campanheiro Erasmo discorrera citando fatos que produziram no auditorio a mais funda impressão.

Sentimos não dispor de espaço para darmos um resumo quer da conferencia do companheiro Erasmo, quer da peça oratoria do Dr. Vicente de Souza.

Durante a conferencia reinou a ordem a mais absoluta, sendo franca a cordealidade entre os companheiros, fatos que registramos com alegria.

Para o "Libertario" foram recolhidos oito mil e seiscentos réis cuja importancia vae consignada n'outra secção.

Estiveram nesta capital, vindos de Buenos Ayres os canaradas Manoel Vasques e Constant Carvalho, este Secretario da Sociedade de Resistencia dos Estivadores e aquelle Secretario da Federação Regional da visinha cidade.

Estes dois companheiros aqui vieram no caracter de delegados, afim de tratarem de um acto de solidariedade que seja o vinculo que una os Estivadores daqui com os da Argentina.

O espaço não nos permitte noticiar detalhadamente a ação dos dous esforçados camaradas nesta cidade, mas devemos dizer que a sua obra foi um attestado do adiantamento em que está o trabalhador na Argentina.

Constant Carvallo em uma das assembléas dos Estivadores teve occasião de externar-se a respeito da organização das sociedades de classe na Argentina e fez considerações sobre a organização das mesmas sociedades no Brazil.

O companheiro Vasques, fez duas conferencias com brilhante exito.

A primeira foi no Centro dos Pintores e a segunda teve lugar no Cassino Español.

Diante de um auditorio numeroso, Vasques discorreu com muita calma e argumentos solidos sobre a organização da sociedade actual, a crença e outros muitos problemas que afectam a questão social.

Não podemos deixar de consignar aqui que o auditorio, bem impressionado com o discurso francamemte anarquico do companheiro Vasques, applaudiu-o calorosamente.

Fallaram depois Pausilipo da Fonseca e Caralampio Trillas.

O Companheiro Magrassi que assistio a conferencia vendeu alguns folhetos de propaganda anarquista.

Assignado por F. Fernandez appareceu ha dias um papelucho sordido, censurando a gréve dos canteiros da pedreira da Praia da Saude. O autor do tal avulso não procurou averiguar as causas que levaram aquelles operarios a pratica de algumas violencias no momento da greve. Limitou-se a censurar o acto e a dar consêlhos, abusando dos demais. Ha ainda exortações aos operarios que são puras banalidades.

MOVIMENTO SOCIAL

Italia

Sobre os ultimos acontecimentos que se deram na peninsula italica não cremos poder dar melhores informações aos nossos leitores, senão reproduzindo alguns paragrafos de uma carta que um nosso camarada recebeu daquelle paiz:

"A estas horas o telegrapho ter-te-á informado do grande movimento proletario que rebentou por estes dias em toda a Italia sob a forma de uma greve geral para protestar contra as constantes matancas de operarios.

Pode-se dizer toda a Italia operaria correspondeu dignamente ao apello pondo em seria apreensão o governo e a burguezia que não esperavam, por parte dos trabalhadores tanto enthuziasmo e energia.

Os trabalhadores italianos, por meio da greve geral, fizeram compreender ao governo que não estão mais dispostos a deixarem-se trucidar pela *soldadesca* que tem abusado até agora, por demais da paciencia deste pobre povo faminto!

Com este movimento de greve geral, estalado em toda a Italia, mesmo os mais pessimistas tiveram que convencer-se que a evolução social não é tão difficil como a muitos parece. A questão é fazer penetrar nos cerebros e nos corações o sentimento generoso da solidariedade esclarecendo as idèas com uma propaganda sã.

Depois da greve tem sido praticadas muitas tropelias pelas autoridades que tem tambem procedido a muitas prisões e infligido ferozes penas aos que lhes caem nas garras.

Em Genova occorreram graves conflictos entre grevistas e a força publica, havendo de ambas as partes mortos e feridos."

Biblioteca Sociológica de S. Paulo

Editada por esta biblioteca aparecerá brevemente a obra de Eliseu Reclus "Evolução e Reovlução e Ideal Anarquista" Os preços serão os seguintes: 1 exemplar 1$500; 3 exemp'ares, 4$000. E assim por deante 1$000 por cada exemplar a mais. As despezas do correio, a cargo da biblioteca.

Chamamos a attenção dos companheiros sobre a necessidade que hâ de auxiliar de uma maneira eficaz as publicações desta biblioteca tão neeessaria para a difuzão das idéas anarquistas no Brazil.

E' para lamentar a indeferença com que têm sido acolhida esta iniciativa, pois os camaradas de S. Paulo lutam com grandes dificuldades para proseguirem na edição de tão uteis publicações.

Conforme publicou o "Amigo do Povo" as despezas do folheto "Porque somos anarquistas" subiram a mais de 300$000 e as entradas até o dia 13 de Setembro chegaram apenas a 10$000! Esta quantia comparada ás despezas é irrisoria.

Para que não suceda o mesmo que a obra de Reclus, propomos aos camaradas de bôa vontade um meio, que posto em pratica, dará optimos resultados e é o seguinte: que cada um faça aquisição de um exemplar da obra, e o pague e procure vender entre os seus conhecidos, o maior numero possivel de exemplares.

Os pedidos devem ser dirigidos ao "Amigo do Povo" Rua Bento Pires, 35 — S. Paulo, e a esta Redação.

"O direito que tem todo o individuo de se levantar contra a opressão e a exploração é imprescrutivel; fosse tal individuo só contra todos, e o seu direito de reindinvincação e de revolta continuaria intangivel. Se apraz á multidão curvar a espinha, lamber as botas dos senhores que importa! O homem que aborrece essa baixeza e que, não querendo sofrêl-a, se ergue e revolta, — esse tem razão contra todos! O seu direito é luminoso, formal, incontestavel. — e o direito das multidões agachadas é uma quantidade desprezivel que não pode ser-lhe oposta. Para estes o direito só começará a tomar corpo e a ser respeitavel no dia em que, cançados de obedecer e trabalhar para os outros, pensarem em revoltar-se."

EMILIO POUGET.

Subscripção voluntaria PARA O LIBERTARIO

Angariado no Centro dos Pintores pelo camarada Rodrigues por occasião de uma conferencia, 800 réis; pelo camarada Erasmo Vieira, no Centro das Classes Operarias, após sua conferencia do dia 9, 8$600. Palacios 5$. P. g. Ramos 3$. M. M., 15$.—Magrans, 4$. Antonio, 2$100. Olivers, 2$. C. Dias, 3$. Rodrigues, 8$. José Rodrigues, 2$. Diego, 1$. Juvencio Inhatá, 2$. José Woictothe, 2$. Qualquer cousa, 1$. colheita para o boletim, 4$. A. Julio, 5$. Magrassi, 3$. Um professor, 1$. Eu. 3$. José, 1$. Severo, 1$. Alfredo, 1$. Calisto, 700 rs. Um, 1$. troco do café, 200 rs. Companheiro Vasques, delegado da federação argentina, 500 rs. Corral 3$. . . **83$900**